

RESSIGNIFICANDO O USO DOS SEMINÁRIOS COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA E AVALIATIVA NO ENSINO SUPERIOR, A PARTIR DE QUESTÕES ORIENTADORAS: O QUÊ? POR QUÊ? PARA QUÊ? COMO? E DAÍ?

Rita de Cássia Anjos Bittencourt Barreto¹

RESUMO

A prática dos seminários como avaliação emerge como oportunidade de preparação dos estudantes, quanto à autonomia, ao aprofundamento do tema, síntese e organização. É papel da universidade, a promoção do ensino emancipatório que subsidie o estudante em sua capacidade de construção dos conhecimentos. Destarte, a aplicação dos seminários, quando bem planejada e orientada, pode sim assumir esta responsabilidade formativa, bem como, pode colaborar com a construção da autonomia desejada. Neste cenário de mudança das práticas avaliativas, os seminários vêm sendo usado pelas universidades, de diferentes formas, e o resumo em tela, relata a experiência sobre aplicação de seminários como estratégia avaliativa, nos componentes curriculares: Geologia e Paleontologia, da Universidade Estadual do Sudoeste da UESB, utilizando-se de uma orientação diferenciada, com ênfase na compreensão dos temas e não apenas na reprodução, onde os discentes precisam responder às seguintes questões epistemológicas orientadoras: O quê? por quê? Para quê? E daí? a partir da compreensão sobre a importância do tema, sua finalidade e sua aplicação no contexto. Os seminários são adotados como estratégia avaliativa na III Unidade letiva, com os discentes da licenciatura do Curso de Ciências Biológicas, da UESB, e são organizados antecipadamente mediante orientação docente que acompanha o percurso de elaboração e evidencia os aspectos a serem melhorados. Para efetivação dos seminários, os discentes recebem previamente um roteiro impresso contendo todos os aspectos que orientarão a elaboração dos seminários, e participam de uma oficina didática, prevista no cronograma do componente curricular, que tem por objetivo, auxiliar na elaboração dos seminários, a partir das questões epistemológicas orientadoras, e sortear os temas a serem apresentados na III Unidade. Através de relatos escritos e orais, após a realização dos seminários, observa-se que a orientação sistemática para compreensão do tema e estruturação da abordagem do seminário, o acompanhamento e a devolutiva das observações acerca dos seminários, pela professora docente, contribui para formação do/ discente, ao possibilitar a reflexão sobre a construção do conhecimento, o que favorece o avanço neste percurso, diante da necessidade de mudança e ajustes na elaboração, para o alcance dos objetivos de cada seminário.

Palavras-chave: seminários – estratégia didática e avaliativa – questões epistemológicas orientadoras - autonomia – formação.

¹ Doutoranda em Ensino, Filosofia e História das Ciências, pela Universidade Federal da Bahia; Mestra em Educação Científica e Formação de Professores. Departamento de Ciências Biológicas (DCB), Campus de Jequié. E-mail: rita.anjos@uesb.edu.br

INTRODUÇÃO

A prática da adoção de seminários emerge como oportunidade de preparação dos estudantes, no que diz respeito a autonomia para a pesquisa, no aprofundamento do tema, síntese e organização. Geralmente, é usado como oportunidade de discussão dos temas em diversos componentes curriculares, sendo muito frequente nas universidades e no ensino médio, com o objetivo principal de auxiliar os discentes no desenvolvimento da oratória, da síntese dos conteúdos, para aplicação destas habilidades em sua vida profissional e em sua vida cotidiana.

É papel da universidade a promoção do ensino emancipatório que subsidie o estudante em sua capacidade de gestar os conhecimentos e conceitos novos, o que significa ter habilidade para externar suas idéias livremente fazendo correlações com os objetos de estudo de cada componente curricular.

O/a professor/a universitário/a deve compreender a sua finalidade formativa como agente estimulador da autonomia, inventividade, criatividade e criticidade e para exercer este papel, torna-se necessário planejar o seu componente curricular para instrumentalizar esta formação.

Destarte, a aplicação dos seminários, quando bem planejada e orientada, pode assumir esta responsabilidade formativa e dentre tantas estratégias de ensino, esta pode colaborar e muito com a construção da autonomia desejada nos nossos estudantes.

O uso dos seminários no Ensino Superior é bastante utilizado como uma avaliação, onde os professores estabelecem critérios para atribuição de um valor quantitativo.

A realidade acerca das práticas avaliativas nas universidades, nem sempre atende a formação para a autonomia e sobre este aspecto, Vilas Boas(2004) em seus estudos informa que ainda observa-se:

a predominância de práticas avaliativas classificatórias, seletivas excludentes, pelo fato de enfatizarem o uso de provas que solicitam mais a reprodução do que a construção do conhecimento, e por terem como objetivo primordial aprovar ou reprovar (VILLAS BOAS, 2004, p. 18)

A urgência de uma avaliação formativa é um imperativo , considerando as dificuldades apresentadas pelos estudantes em relação aos instrumentos excludentes de

avaliação que impedem o diálogo acerca dos resultados e a tomada de decisão a favor da aprendizagem, já que muitas vezes o que prevalece após aplicação de provas, listas de exercícios e estudos dirigidos é o valor atribuído após correção sem a oportunidade do estudante conhecer e refletir sobre o seu percurso de aprendizagem.

Muitos estudiosos da avaliação propõem mudanças no perfil das avaliações que são adotadas nas universidades e Bittencourt (2003) é um destes, ao propor a avaliação formativa como alternativa para acabar com o sistema igualitarista que está impregnando o ensino superior.

A questão que sempre deve ser feita na formação contínua dos professores universitários é sobre o sentido da avaliação, sobre o que ela pretende alcançar, já que muitas vezes, os instrumentos são aplicados sem reflexão alguma por parte do educador acerca da função formativa que a avaliação precisa ter.

Sobre o papel do processo avaliativo, Bittencourt, clarifica afirmando que:

Nesse sentido o processo avaliativo deve possibilitar o acompanhamento do desenvolvimento das competências, habilidades, valores e atitudes dos alunos, portanto, Para assumir sua função de subsidiar, acompanhar a aprendizagem, a avaliação deve adquirir um papel importante na construção do conhecimento, isto é, avaliar de modo formativo significa abrir espaço para questionar, investigar, ler as hipóteses do educando, refletir sobre a ação pedagógica a fim de replanejá-la, ou seja, não vem pronta apenas em forma de provas, exames, memorização de dados, sendo, muitas vezes, utilizada somente como termômetro para medir o erro, ou para satisfazer ao “masoquismo pedagógico” de alguns professores. Ela passa a ser realmente um processo construído e vivenciado, por alunos e pelo professor para acompanhamento da aprendizagem. (BITTENCOURT, 2003, p. 9)

Neste cenário de mudança das práticas avaliativas, os seminários vem sendo usado por muitos professores universitários, de diferentes formas, e neste resumo, eu pretendo apresentar uma experiência de aplicação de seminários como recurso avaliativo, nas disciplinas de Geologia e Paleontologia, que utiliza-se de uma orientação diferenciada, com ênfase na compreensão dos temas que serão apresentados e não apenas na reprodução, e para tal feito, os discentes seguem a logística de responder às seguintes

questões epistemológicas orientadoras: O quê? por quê? Para quê? Como? E daí? dando significado aos conhecimentos que estão sendo discutidos.

DISCUSSÃO

Os seminários em Paleontologia e Geologia Geral são recursos avaliativos da III Unidade letiva, mas são orientados pela professora com antecipação ,partindo primeiramente do sorteio de temas importantes e de linguagem mais simples, que compõem a ementa dos componentes curriculares. A escolha dos temas leva em consideração o fato dos discentes serem egressos, evitando os temas que apresentam maior densidade teórica, que geralmente suscitam conhecimentos anteriores.

Posteriormente, os discentes recebem um documento impresso com as orientações didáticas para organização dos seminários, que apresenta de forma detalhada os aspectos da estrutura do seminário, da organização do conteúdo seguindo as questões orientadoras supracitadas, da estética e formatação dos slides, e dos recursos midiáticos que podem ser usados, bem como a elaboração de uma sinopse para que os colegas possam acompanhar a discussão do tema.

A partir deste documento orientador, o professor apresenta aos discentes, em sala de aula, as questões orientadoras que devem ser respondidas ao longo da discussão do tema, enfatizando a necessidade da compreensão da aplicação de sua temática no contexto social. Para isso, a professora elucida o que significa cada questão orientadora, conforme mostra o Quadro 1, abaixo:

QUADRO 1: Questões epistemológicas orientadoras para organização do seminário

O quê?	Nesta questão,, os discentes devem buscar aprofundamento sobre os conceitos essenciais de sua temática.
Por quê?	Nesta questão, os discentes devem justificar a relevância do seu tema na relação com a sociedade.
Para quê?	Os discentes devem responder sobre a função social, política e histórica que este tema apresenta.
E daí?	Nesta questão, torna-se necessário após aprofundamento do tema que o

	discente busque pensar na aplicação deste conhecimento no contexto real em que estamos inseridos.
--	---

Fonte: Elaboração da autora

Além destas orientações, a professor e os monitores da disciplina organizam um cronograma de atendimento para orientar os discentes que deverão primeiramente fazer a leitura do tema, sintetizar a partir dos tópicos principais, para somente depois elaborar os slides. Neste percurso, os monitores e a professora, solicitam envio dos slides com antecipação, a fim de que possam ser feito os ajustes necessários antes da data da apresentação. A finalidade desta etapa é justamente oferecer oportunidade de reflexão aos estudantes sobre o que estão estudando e preparando para apresentar. Desta forma, consideramos que a preparação do seminário para apresentação precisa ser um processo formativo, a fim de que discente perceba seus avanços e dificuldades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposição dos seminários pelos componentes curriculares deve assumir o papel de instrumento de avaliação formativa, mas para que esta prática seja efetivada no ensino superior, torna-se imprescindível rever a forma pela qual estes seminários estão sendo adotados, haja vista, a necessidade de que esta prática avaliativa tão comum nas universidades, possa de fato ser um instrumento de aprendizagem que valorize o percurso de construção do conhecimento.

Sem que haja a reflexão sobre “o quê” os estudantes precisam aprender em cada componente curricular, compreendendo a aplicação desta aprendizagem no contexto em que estão inseridos, os seminários tornam-se instrumentos de reprodução de conteúdos, que não contribuem com o processo formativo dos discentes.

Torna-se relevante também que estes seminários sejam devidamente orientados por cada docente, a fim de que esta prática pedagógica seja compreendida como avaliação formativa, que exige acompanhamento do discente pelo professor em cada etapa de construção do seminário, desde as sugestões de leituras sobre tema, síntese do tema, organização dos slides e compreensão do tema na relação com o contexto social de aplicação. Esta orientação e acompanhamento do docente em cada momento, possibilitam a cada estudante, a reflexão sobre a construção do conhecimento, o que favorece o avanço

neste percurso, ou a necessidade de mudança para o alcance dos objetivos propostos de cada seminário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSUBEL, D. P. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Rio de Janeiro: Plátano, 2003. 219p.

CORDEIRO, Joel Maciel Pereira; OLIVEIRA, Aldo Gonçalves. A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. Publicado em 2011. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/7416>. Acessado em [22.fev](#) 2024.

HENCKLEIN, Fabiana Aparecia. Aulas de campo: uma estratégia de ensino necessária? Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – IX ENPEC Águas de Lindóia, SP – 10 a 14 de novembro de 2013. p.1-8.

ZORATTO, Fabiana Martins Martin; HORNES, Karin Linete. Aula de campo como instrumento didático-pedagógico para o ensino de geografia. IN: os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor. PDE. Artigos. Vol.1, 2014, p.1-19. ISBN 978-85-8015-080-3